

Árvore genealógica: refletindo procedência e descendência do cidadão idoso

Cássia Poliana Príncipe Nunes¹
Luanna Cavalcanti de Oliveira Santos²
Júlia Nogueira de Barros³
Camila Diniz de Carvalho Souza⁴
Marcelo de Maio Nascimento⁵

¹Discente de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF, E-mail: cassiaprincipe@hotmail.com.

²Discente de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF, E-mail: luanna.cavalcanti23@gmail.com.

³Discente de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF, E-mail: julia.nogueirabarros@gmail.com.

⁴Discente de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF, E-mail: camiladiniz_8@hotmail.com.

⁵Professor do Colegiado de Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF, Doutor em Ciências do Movimento Humano, E-mail: marcelo.nascimento@univasf.edu.br.

RESUMO

A árvore genealógica consiste na representação esquemática dos ancestrais de uma pessoa. Suas informações ilustram as conexões entre sujeitos da família paterna e materna, trazendo assim a história particular de cada indivíduo. O presente estudo teve como fim refletir a procedência e descendência a partir da construção e discussão da árvore genealógica com 14 alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) e do Programa Vida Ativa (PVA), uma ação do curso de Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Os resultados demonstraram que a ação desenvolvida em seis diferentes fases, motivou os idosos a buscarem informações sobre seus ancestrais em suas reminiscências e com seus familiares. Observou-se nos depoimentos que a ação incentivou a busca do contato com familiares, servindo como estratégia à troca de saberes entre faixas etárias, contribuindo também à manutenção e ampliação do equilíbrio psicossocial do idoso.

Palavras-chave: Intergeracionalidade; Idoso; Universidade Aberta à Terceira Idade; Gerontologia.

Family tree: a reflection about origin and descent of the elderly citizen

ABSTRACT

The family tree is the schematic representation of a person's ancestors. Their information illustrate the connections between subjects of the paternal and maternal family, thus bringing the particular history of each individual. This study had the purpose to reflect the origin and descent from the construction and discussion of genealogy with 14 students of the Open University of the Third Age (UNATI) and Active Life Program (PVA), an action the course of Physical Education of the University Federal São Francisco Valley (UNIVASF). The results showed that the action developed in six different phases, motivated the elderly to seek information about their ancestors in their reminiscences and their families. It was noted in the statements that the action encouraged the search of contact with family, serving as a strategy for the exchange of knowledge among age groups, also contributing to the maintenance and expansion of the psychosocial balance of the elderly.

Keywords: Intergenerational; Elderly; Open University for the Third Age; Gerontology.

INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 1980, Veras, Ramos e Kalache (1987) discutiram aspectos referentes ao crescimento da população idosa, dentre eles as consequências futuras do caso para o desenvolvimento da sociedade, política e economia brasileira. Segundo os autores, tal fato determinaria transformações no processo de urbanização, apresentaria como característica a feminização da população idosa, traria mudanças na dinâmica das relações de trabalho, além da necessidade de (re)planejar a aposentadoria. Diante disso, observar-se-ia um aumento no custo social da saúde. Os autores previram, ainda, as alterações na estrutura familiar. Nessa perspectiva, surge o interesse em compreender a questão das relações intergeracionais.

O termo intergeracional passou a ser aplicado ao final da década de 1960 para explicar a diferenciação entre o papel de grupos etários, bem como ilustrar as características da pessoa idosa frente às transformações sociais (JENNING; NIEMI, 1968). Com isso, evidenciou-se a importância que cada estrato geracional assume no desenvolvimento da estrutura sociocultural, política e econômica de uma nação. De acordo com Borges e Magalhães (2011), diferenças intergeracionais incidem em algo comum à contemporaneidade, inerentes à estrutura social. Já para Lins (1987), cada geração apresenta particularidades, sendo detentoras de características distintas dos antepassados. Isso significa dizer que cada período é responsável por um padrão comportamental e de valores, algo determinante ao surgimento de conflitos entre indivíduos e/ou gerações.

Conforme Borges e Magalhães (2011), relacionamentos intergeracionais se afirmaram como estratégia à manutenção e ampliação do equilíbrio psicossocial da pessoa idosa. Assim, por meio do contato social entre indivíduos de diferentes faixas etárias, há o incentivo à troca de saberes. No caso da pessoa idosa, isso pode lhe conduzir ao aprendizado, por exemplo, para lidar com tecnologias atuais, muitas dessas até então desconhecidas. Essa experiência é importante, visto que reduz diferenças, contribuindo para sua adaptação e integração no contexto em que vive. De acordo com Carvalho (2007), o convívio intergeracional permite ao idoso o estabelecimento de afinidades com objetos e comportamentos distintos ao seu, algo essencial para o acordo com as gerações mais jovens.

Segundo Pais (1998), entre as gerações, há modos díspares para entender e atingir um mesmo objetivo. O autor cita como exemplo o individualismo e a solidariedade como valores temporais, os quais são percebidos por jovens e idosos de maneira antagônica. No caso dos mais novos, por exemplo, o individualismo conduz ao expressionismo, enquanto que os idosos são impelidos ao materialismo. Já no âmbito da solidariedade, os jovens são conviviais, enquanto os idosos tendem à moral.

Diferentes estudos e projetos têm sido desenvolvidos no âmbito intergeracional (CARVALHO, 2007; BRAGA CUBA et al, 2015; VILLAS-BOAS et al., 2015) com a intenção de promover a qualidade do amanhã com base na experiência do ontem. A reflexão incide no pressuposto de que a pessoa idosa é parte integrante e consubstancial à formação da sociedade contemporânea. De tal modo, ações moldadas no fortalecimento do vínculo intergeracional propõem que a questão central não é processada na união dos

opostos, mas na busca e construção de afinidades. Isso significa dizer que deva existir o espelhamento entre partes aparentemente distintas. Assim, encontra-se, por um lado, o jovem que arquiteta na figura do idoso a imagem do seu “eu-futuro”. Por outro lado, o idoso que, convivendo com os jovens, projeta o seu “eu-hoje” à frente.

O presente estudo consiste em um relato de experiência que apresenta os procedimentos metodológicos e resultados preliminares de um Projeto Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC)/UNIVASF 2015-2016. A ação foi denominada como *Árvore Genealógica (AG)*, incidindo na primeira atividade do projeto intitulado como “Programa Intergeneracional: Um estudo sobre os impactos das atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade-UNATI/UNIVASF junto à comunidade de Petrolina-PE e Juazeiro-BA”. Sua execução esteve sob a responsabilidade de quatro alunas do Colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF.

METODOLOGIA

Participantes

As atividades do projeto AG foram realizadas entre os meses de agosto de 2015 e janeiro de 2016. Participaram desta ação seis (6) indivíduos ($67,6 \pm 5,8$ anos), cinco do sexo feminino e um do masculino, integrantes do Programa de Extensão Universitária Vida Ativa, realizado pelo Colegiado de Educação Física/UNIVASF e da Universidade Aberta à Terceira Idade-UNATI/UNIVASF, em Petrolina-PE. Os resultados também trazem depoimentos das responsáveis pela execução deste projeto, quatro alunas do Colegiado de Psicologia da UNIVASF, com idade entre 21-26 anos, cursando o 2º. e 6º. semestres. Como critério de inclusão dos idosos foi adotado a idade ≥ 60 anos, estar oficialmente matriculado nas atividades do PVA e ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os indivíduos excluídos foram aqueles que não atenderam aos critérios de inclusão ou que não completaram todas as etapas deste estudo, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF (CAAE 44108715.1.0000.5196).

Procedimentos

O percurso metodológico deste trabalho foi dividido em sete fases (Figura 1). As atividades discutidas neste relato de experiência compreendem os procedimentos e resultados parciais de uma pesquisa que ainda se encontra em andamento. As informações aqui detalhadas se referem às Fases I-VI, e foram assim divididas: Fase I - Período de reflexão e embasamento teórico; Fase II - Planejamento e Construção do questionário; Fase III - Piloto e aplicação do questionário; Fase IV - Realização das entrevistas; Fase V - Análise das entrevistas; Fase VI - Construção da árvore genealógica; Fase VII - Avaliação: Apresentação e reflexão da árvore com os idosos. A seguir serão apresentados os procedimentos de cada etapa do projeto AG:

Fase I (agosto/2015): foi dedicada ao planejamento das ações. De tal modo, duas vezes por semana, a equipe se reuniu para discutir e ampliar seus conhecimentos sobre o ponto central da ação: a intergeracionalidade. Desse modo, surgiu a ideia de trabalhar a árvore genealógica como recurso para introduzir o tema intergeracionalidade com os participantes do

Programa Vida Ativa (PVA);

Fase II (setembro/2015): compreendeu a construção do questionário intitulado “Através das gerações: conhecendo minhas origens”. Este instrumento foi dividido em duas dimensões: i) antecessores: família materna e paterna do idoso, inquirindo até duas gerações anteriores a sua, ou seja, pais, tios e avós maternos e paternos; e, ii) descendentes: indagando, caso houvesse, sobre os filhos, netos e bisnetos, além do cônjuge;

Fase III (setembro/2015): incidiu na execução do piloto/questionário. A intenção da ação foi sanar possíveis falhas no instrumento. Após a verificação e (re)ajustes necessários, o questionário foi executado com 14 idosos. Salienta-se que somente seis pessoas foram incluídas neste estudo. Durante o piloto, observou-se que a melhor forma para desenvolver a atividade seria: i) inicialmente, preencher o questionário sob a forma de entrevista; em seguida, ii) questões que não podiam ser respondidas no momento eram levadas para serem preenchidas em casa, com o auxílio dos familiares. Desse modo, em até sete dias, o questionário retornava completo. Além disso, nessa etapa era oportunizada a troca de informações com os familiares, concedendo à ação um caráter intergeracional;

Fase IV (outubro/2015): consistiu na realização de: i) entrevistas com seis idosos do PVA, a partir de um roteiro semiestruturado, em local reservado, registradas com um gravador de voz, compreendendo de 15 a 20 minutos. Os questionamentos buscaram estimular os entrevistados a refletirem sobre seus ancestrais e descendentes; e, ii) entrevistas com as próprias responsáveis pelo projeto AG, conduzidas pelo professor orientador. Esta medida serviu tanto para avaliação dos procedimentos adotados pela equipe, como à reflexão do aproveitamento durante os primeiros seis meses de Iniciação Científica;

Fase V (outubro-novembro/2015): abrangeu as transcrições e análise das 10 entrevistas. Foram realizadas as leituras prévias e o aprofundamento nas narrativas, seguido da elaboração das categorias por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004);

Fase VI (dezembro 2015-janeiro 2016): envolveu a i) Confecção das árvores genealógicas: o procedimento se originou a partir de uma pesquisa na internet, seguido por ciclos de discussão sobre um modelo de árvore adequado. Por fim, optou-se por um modelo que não só comportasse as informações desta ação, mas que também pudesse ser utilizado futura-

mente com os alunos da UNATI/UNIVASF e seus familiares; e, ii) organização e escrita dos relatos de experiência.

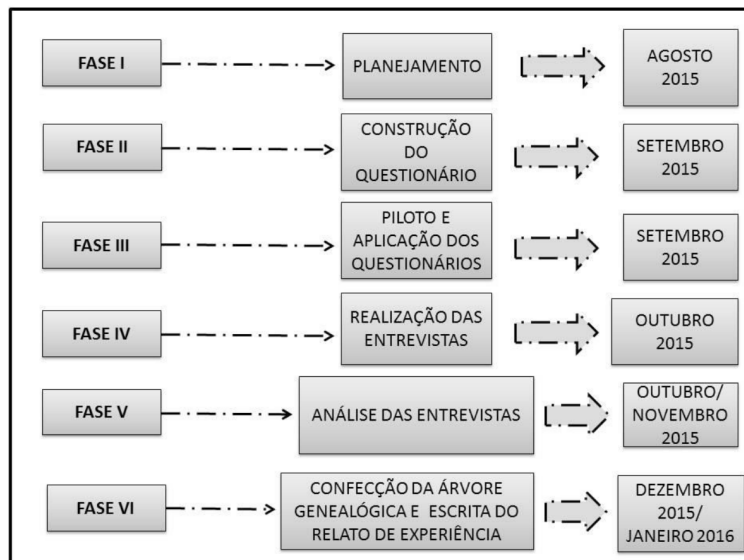


Figura 1. Fluxograma dos procedimentos metodológicos da ação “Árvore Genealógica”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente é apresentada, como exemplo, uma versão da árvore genealógica. As informações exibidas se referem ao questionário de um integrante do grupo de ginástica geral do PVA, do sexo masculino, com 69 anos de idade (Figura 2):

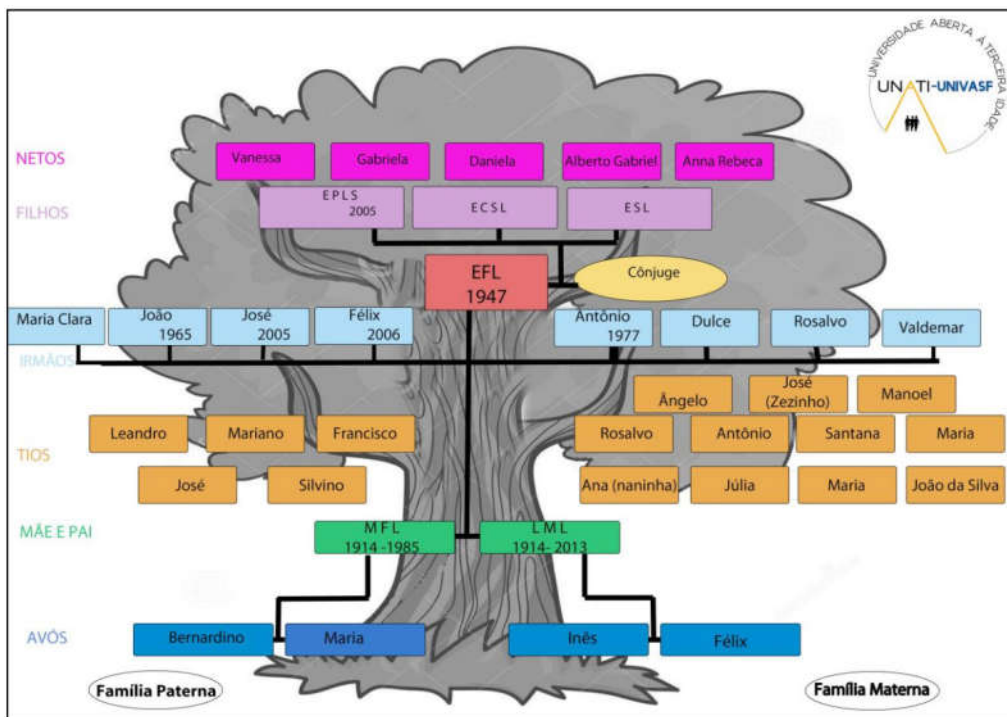


Figura 2. Modelo da árvore genealógica.

A próxima seção tem por fim apresentar e discutir as entrevistas realizadas com os seis integrantes do PVA, bem como com as quatro discentes de Psicologia responsáveis pelo projeto AG. A Figura 3 destaca as categorias obtidas para ambos os grupos entrevistados, os depoimentos foram organizados e interpretados, segundo categorias (BARDIN, 2004):

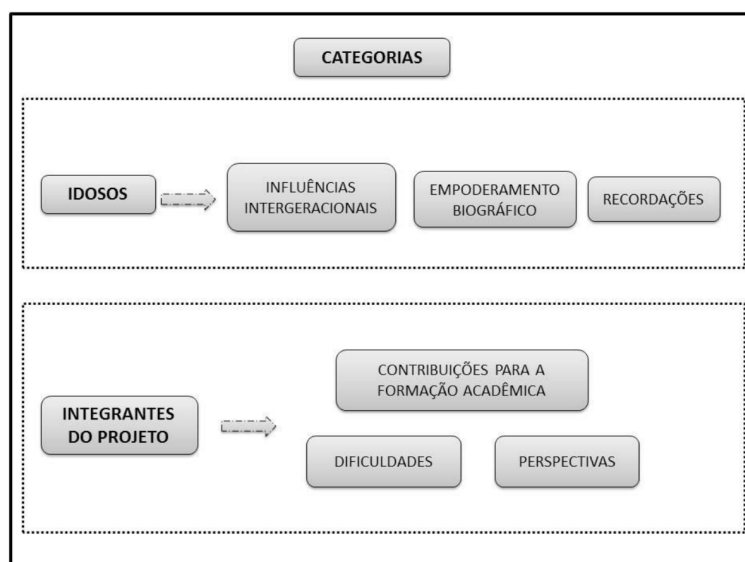


Figura 3. Fluxograma das categorias que expressam as percepções dos idosos e das pesquisadoras da ação “Árvore Genealógica”.

Entrevistas: Idosos

Categoria 1 - Influências Intergeracionais

Esta categoria aborda o modo como os idosos percebem, sobre o atual contexto familiar, os indícios de 1-2 gerações anteriores a eles. Por meio de resgates na memória dos entrevistados foi possível reconstruir e compreender fatos da sua vida diária. Nesse contexto, foram consideradas duas espécies de influência: i) quando o entrevistado afirmou existir a manutenção do padrão de pensamentos, comportamentos e ações de seus ancestrais; e, ii) quando o entrevistado mencionou insatisfação com a vivência obtida com seus ancestrais, assumindo assim uma postura distinta. Detectou-se nos relatos a predominância de dois temas de influência intergeracional: a) escolha profissional; b) modelo de criação dos filhos.

Em sua fala, P4 particulariza a manutenção do padrão profissional ao longo das gerações:

Minha avó era parteira, eu tenho uma filha que trabalhou de enfermagem muitos anos [...]. Minha vó era costureira, mãe trabalhou muito em costura e eu, a minha vida toda, de uma certa idade para cá, quando eu tive condições de comprar uma máquina, eu tenho costurado, trabalhado muito em costura. (P4, 68 anos, sexo feminino)

Com a narrativa de P2, se observa a tendência de opção pela continuidade profissional dos familiares. De acordo com Soares-Luchiari (1996), a escolha profissional pelos jovens, em muitos casos, é guiada pelo modelo familiar. Tal fato ganha evidência nesta fala:

Lá em casa as minhas irmãs, todas têm as mesmas profissões. Até eu que não cheguei a me profissionalizar, assim... A maioria delas que é costureira, mas eu também, ainda hoje eu tento aprender, eu tento fazer roupa para as minhas filhas, eu busco aula de corte para ver... Mas porque era a profissão da minha mãe, as mais velhas aprenderam com ela. Então, três são costureiras. Nós quatro fomos professoras, porque a mais velha foi, o mais velho foi, e assim os mais novos foram seguindo. (P2, 63 anos, sexo feminino)

P2 apresenta outra questão categórica à escolha profissional: a influência de membros de uma mesma geração. Sendo assim, os padrões não perpassam, necessariamente, de uma geração para outra, visto que a tradição familiar profissional pode ser rompida por fatores exógenos, como a necessidade de um redirecionamento ou mesmo pelo sucesso financeiro de um familiar.

O segundo tipo de influência intergeracional detectado nos relatos diz respeito ao modelo adotado na criação dos filhos. Sendo assim, podem ser identificadas discordâncias quanto às atitudes passadas e atuais. De forma geral, os entrevistados manifestaram desacordos com seus antepassados:

Ah é diferente. Pense na forma como meu pai criou nós; se chegasse uma pessoa mais velha que ele ou mais velha que eu, podia ser solteiro, podia ser casado, ele botava para tomar 'bença' (...) meu pai não era de bater, minha mãe batia, mas meu pai não batia, só bastava meu pai olhar para gente, que a gente já sabia o que era que tava pensando. Aí desviava por ali. Mas hoje... os netos e filhas, é diferente demais. A diferença é demais mesmo. (P3, 68 anos, sexo masculino) Ah é diferente. Pense na forma como meu pai criou nós; se chegasse uma pessoa mais velha que ele ou mais velha que eu, podia ser solteiro, podia ser casado, ele botava para tomar 'bença' (...) meu pai não era de bater, minha mãe batia, mas meu pai não batia, só bastava meu pai olhar para gente, que a gente já sabia o que era que tava pensando. Aí desviava por ali. Mas hoje... os netos e filhas, é diferente demais. A diferença é demais mesmo. (P3, 68 anos, sexo masculino)

Em suas palavras, P3 enaltece a forma de criação adotada por seus pais, salientando, em especial, o respeito entre as partes. Essa atitude, no seu ponto de vista, já não existe nos dias de hoje, principalmente, pelas gerações mais novas em relação aos idosos.

Além disso, o tema "bater nos filhos" também foi comum entre os entrevistados P3 e P5:

A forma de criar os filhos também... minha mãe criou, minha vó, bisavó... minha mãe criou os filhos e naquela época quem não batia nos filhos não sabia criar. Ela criou batendo, eu não apanhei muito não, apanhei pouco porque dizem que eu era bem comportada. Mas naquela época batia mesmo e eu criei meus quatro filhos, nunca trisquei um dedo em nenhum e eles são maravilhosos (risos). (P5, 62 anos, sexo feminino)

A busca de P5 por um novo modelo educacional para seus filhos, distinto dos avós, é discutida por Ribeiro (2012). A autora comenta sobre a palmada, uma atitude autoritária muito aplicada antigamente pelos pais. Ela afirma que esse recurso educacional é aplicado até hoje, incidindo em atitude herdada e simplesmente reproduzida ao longo de gerações, sem que as possíveis consequências sejam refletidas. Assim, por mais severa que seja essa prática, ela se cristalizou em algumas famílias sob a forma de um hábito adequado.

Categoria 2 – Empoderamento biográfico

A categoria traz informações sobre as repercussões do projeto AG na construção da própria história de vida dos participantes. O caso foi intitulado como “empoderamento biográfico”, pois de acordo com Labonte (1994), o termo “empoderar”, o qual advém de “*empowerment*” corresponde a fortalecimento. Sendo assim, ao serem confrontados com o quantitativo de conhecimentos sobre seus antepassados, os idosos puderam, por um lado, reconhecer lacunas de conhecimento e, por outro lado, criar alternativas para suprir esta demanda, ganhando autoconfiança e senso de governabilidade sobre o caso.

Nas seis entrevistas foram observadas tanto a satisfação, como a frustração dos idosos por reconhecerem ou não a história de seus antepassados. No caso de P6, quando questionada sobre a repercussão da dinâmica, ela diz sentir remorso por jamais ter buscado informações sobre seus ancestrais:

Foi no aspecto de... de eu não ter me ligado há mais tempo para pegar todas as informações referentes aos meus avós... Pois é, isso passou assim... batido, sabe? Despercebido. E quando a gente tentou ver isso já era tão tarde, porque a maior parte do pessoal já havia falecido. Principalmente minhas tias que eram quem poderiam dar essas informações, então eu me senti mal, e não só eu como o pessoal lá de casa, sentiu-se assim, com certo remorso por não ter se ligado nisso, sabe? Procurado saber... sobre os nossos antecedentes. (P6, 67 anos, sexo feminino)

Corroborando isso, P2 assume que necessitou buscar informações com familiares mais idosos. A partir desta reflexão, observa-se que a dinâmica da AG estimulou os participantes a contatar familiares, fato que vem frisar um dos papéis sociais atribuídos ao idoso, que é o de ser a memória coletiva de seu grupo social (CORREA; JUSTO, 2010):

A reflexão que eu faço é que foi muito válido e alegre para mim porque eu voltei a saber informações que até o momento estavam lá no esquecimento. E eu nem sabia de alguns

dados, tive que recorrer às minhas irmãs mais velhas, mesmo por telefone ou pelos lugares que elas moram. Então isso me levou a crer que a gente nunca deve perder o contato com a origem da gente, dos nossos antepassados. Porque a história não é feita do hoje, a história já vem de atrás, do passado. (P2, 63 anos, sexo feminino)

P1 também admite ter observado, por meio da atividade, a necessidade de aprofundar seus conhecimentos sobre os antepassados:

Foi útil porque eu vou começar a procurar saber, lembrar, perguntar a alguém da minha família. Mas assim, eu acho muito difícil, porque os irmãos de mamãe já morreram, não conheci nenhum parente de papai. Nenhum, nenhum, nenhum mesmo, entendeu? E aí quem sabe um dia se a gente não conhece algum familiar. Só sei dizer que papai dizia para gente que só tinha um irmão. O pai dele já tinha morrido, a mãe dele já tinha morrido e ele só tinha um irmão. E eles se separaram e ele não soube notícia dele. Pronto, aí não sabe nada sobre a família de papai. Agora de mamãe não, a gente conhece todo mundo. (P1, 64 anos, sexo feminino)

Ao analisar os discursos dessa categoria foi possível perceber que o projeto AG estimulou os idosos a refletirem sobre o valor expresso pelos laços familiares. Nessa perspectiva, esta ação possibilitou o despertar de uma ferramenta imprescindível à perpetuação da história geracional dos idosos.

Categoria 3 - Recordações

Esta categoria descreve a importância que a ação teve para a rememoração de acontecimentos prazerosos ou não da vida dos entrevistados. As lembranças detalharam períodos remotos da infância.

P2, por exemplo, relata a história da boneca Conceição; algo intimamente relacionado com a mãe, já falecida há 45 anos. É perceptível que, ainda hoje, ela é emocionalmente tocada quando recorda o dia em que suas filhas quebraram a boneca de porcelana e rasgaram o vestido feito à mão pela própria mãe:

Vocês acreditam que, minha mãe morreu já tem mais de 45 anos e ainda hoje cada uma de nós tem uma bonequinha dela? Imagina quantos anos, costurada na mão, o vestido. A minha bonequinha é a mais nova delas, da calunga de louça. No tempo dela eram as bonequinhas de louça. Até eu briguei com minhas meninas, já quebraram perna, já perderam a cabeça e tinha um nome, a minha é Conceição. O vestidinho desse tamaninho que minha mãe fez na mão (risos), cada uma tem uma, eram oito filhas e cada uma ficou com uma bonequinha. (P2, 63 anos, sexo feminino)

Em sua narrativa, P5 reflete um momento importante da vida: sua primeira experiência com o rádio, comparando, de forma bem humorada, sua atitude nessa época com as habilidades tecnológicas exibidas hoje pelas crianças:

Eu conheci um rádio eu já era grandinha... morava lá no sítio, num sabia nem o que era. Depois de grandinha que eu conheci um rádio e hoje as crianças, bebezinho, já tão enfiando o dedinho assim no celular e fazendo alguma coisa. Então são tantas mudanças (risos). (P5, 62 anos, sexo feminino)

P3, por conseguinte, relembra a rotina e dificuldades que teve para estudar no lugar onde morava. Apesar disso, não se deixou abater e rapidamente se alfabetizou. Ele também relata a forma como a palmatória era aplicada na escola; algo que não lhe traz más recordações:

Cansei de acordar três, quatro horas da manhã, acendia aquela candeeirinha e ia ler. Também aprendi o ABC 'ligerim'... em um ano eu passei pelos três anos, num instante eu aprendi e aprendi foi no couro. Óh... da palmatória. A professora perguntava na sala: 'três vezes oito'. Se a gente não dissesse 'vinte e quatro', era bolo! Tudo coisa de aluno, aí botava eu para questionar um outro aluno, se ele não respondesse certo, eu dava bolo nele. Botava outro aluno para perguntar, se nós não dissesse, então bolo! Eu sei que a gente aprendia ligeiro. Era bom, eu gostei (risos). (P3, 68 anos, sexo masculino)

A narrativa de P5 ilustra o choque entre gerações. Ela recorda o modo como foi criada, assumindo ter dificuldades para se adaptar aos padrões atuais de educação dos filhos. A partir desse relato, é possível demonstrar a importância do acompanhamento psicológico para o idoso, seja de modo individual ou grupal, pois a habilidade para lidar com as modificações nos padrões sociais consiste em um fator significativo para o estabelecimento de relações saudáveis e para o bem-estar desse sujeito:

Uma família que sempre foi maravilhosa, mas que houve uma grande mudança e eu fiquei no meio. A diferença dos meus pais, meus avós, principalmente meus pais e eu que tô mais próxima. A diferença como eu fui criada para como eu crio meus filhos foi enorme e não é fácil ficar fazendo essa mudança. Ser criada de um jeito bem antigo e, de repente, tá nesse modernismo e ter que acompanhar. Não é fácil, mas eu faço o possível para ficar numa boa com meus filhos e acompanhar, na medida do possível. (P5, 62 anos, sexo feminino)

Nesta categoria foi possível observar que o tempo empregado pelos idosos para colherem as informações sobre seus antepassados foi moldado por momentos de alegria e revelação da própria identidade. Nessa perspectiva, Pires e Lima (2007) destacam que a tradição oral consiste em um importante símbolo da cultura popular, pois assegura a continuidade das memórias da prole entre as gerações. Sendo assim, então no momento em que a pessoa divide suas histórias de vida, ela concebe ao outro, neste caso os mais jovens, possibilidades à materialização de pontos de ligação com seus antepassados, substrato à

construção de identidades. Por outro lado, pode-se dizer que o discurso compartilhado também funciona como recurso ao exercício crítico.

Entrevistas: Executoras do projeto AG

Categoria 1 - Contribuições para a Formação Acadêmica

A categoria apresenta as percepções das quatro acadêmicas de Psicologia, executoras do projeto AG, sobre o modo como a ação contribuiu para a formação acadêmica.

A1 destaca a oportunidade prática para aproximar o aluno de Psicologia não só do aprimoramento de habilidades no âmbito da Pesquisa, mas também de um programa interdisciplinar de Extensão:

Aplicar os questionários foi algo muito interessante. Porque durante o curso a gente escreve um projeto de iniciação científica, onde as coisas são feitas na prática, só que é uma disciplina, algo mais compacto. Já aqui no PIVIC, trabalhando com as idosas do programa de Extensão, eu percebi que o tipo de relação pessoal que a gente começa a ter com elas ajuda a manejar melhor uma conversa. Além de aprender as técnicas de como construir, aplicar e, principalmente, como utilizar os dados do questionário. (A1, 6º. período)

Segundo Moreira, Bedran e Carellos (2009), a atividade extensionista pode ser compreendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, a qual possibilita uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Nessa perspectiva, a interface Pesquisa/Extensão se apresenta como ferramenta à capacitação do Psicólogo, aproximando o acadêmico tanto das pessoas como do ambiente em que vivem.

Já A4 enfatiza a relação da ação AG com o Ensino, ou seja, a ampliação dos conhecimentos obtidos em sala de aula:

Na Psicologia, cursamos uma disciplina que é Procedimentos de Investigação Científica. Durante o semestre, escrevemos um projeto e, no semestre seguinte, ele deve ser executado. Então, eu já tinha uma ideia dos procedimentos, até a construção de um artigo. Mas como foi um trabalho de disciplina, os conteúdos passaram sem que eu pudesse assimilar totalmente. Já aqui, foi possível ampliar as vivências da sala de aula. Sinto que consegui ter um maior entrosamento com os conteúdos, sabe? E isso aconteceu tanto com os idosos, como com as minhas três colegas. Apesar de terem existido algumas dificuldades. (A4, 6º. período)

Corroborando as ideias de A6, sobre os benefícios da Iniciação Científica para a formação profissional, A3 salienta:

A gente tem uma disciplina de desenvolvimento humano, aí as coisas estudadas sobre o envelhecimento foram confirmadas. Tipo: o que muda na vida da pessoa, como elas se percebem, o impacto das questões sociais, etc. Bom, eu acho que tudo isso ficou muito claro com o projeto AG. Então acho que hoje eu percebo de forma mais prática, tudo aquilo que li nos livros e textos. (A3, 6º. período)

De acordo com Pivetta et al. (2010), a Extensão universitária não só tem como papel estimular e ampliar a rede de interações comunitárias, ela também produz conhecimentos em nível de Pesquisa. De forma geral, ela possibilita que os saberes ganhos no âmbito do Ensino não fiquem restritos ao espaço da sala e/ou dos laboratórios, mas que tudo isso encontre aderência “na” e “para” a realidade social.

Categoria 2 - Dificuldades

Essa categoria aborda diferentes problemas enfrentados durante a execução do projeto. Os fatores destacados foram a disponibilidade de tempo, a proatividade e insegurança quantos aos conhecimentos próprios para desenvolver o projeto AG.

A1 relata sua dificuldade para ser proativa, bem como dificuldades encontradas para escrever a partir de padrões científicos. Por outro lado, também admite que a experiência foi válida para a qualificação de sua formação:

Eu acho que a maior dificuldade foi... a proatividade! Sei que eu não sou uma pessoa proativa e isso foi esperado pelas colegas. É difícil você acordar um dia e, de repente, ser assim. Outra dificuldade foi escrever! É... isso eu tenho que melhorar, pois tenho dificuldade, reconheço! Então, eu preferi aplicar os questionário, ou mesmo até transcrever. Pra mim, é melhor do que escrever... mas, enfim, eu sei que é, ou será necessário futuramente. Se eu não aprender, como é que conluo o curso? (A1, 6º. período)

No discurso de A1 se percebe a preocupação da acadêmica em sanar dificuldades/habilidades essenciais em sua formação. De tal modo, a Iniciação Científica lhe tem possibilitado o arranjo de competências. Enquanto isso, A2 aponta a falta de tempo como dificuldade para um melhor comprometimento com o projeto, o que advém do número de disciplinas cursadas:

A falta de tempo atrapalha um pouco, porque eu tenho muitas aulas, todo o dia e o dia inteiro. Isso dificulta a comunicação com as colegas. Muitas vezes eu estou em aula, estou sem internet, não tenho como fazer! E ainda tem a minha falta de conhecimento na parte da pesquisa, que eu fico sem saber como tomar a frente de algumas coisas: sabe? Aí tenho que ficar perguntando o tempo todo e eu acho chato, ao mesmo tempo em que eu entendo que é necessário. E estou aqui para aprender... (A2, 2º. período)

Por outro lado, A3 concebe ênfase às diferenças percebidas, ao longo dos seis meses, entre as integrantes da equipe, considerando as divergências de opinião, ainda que houvesse um ótimo grau de amizade entre elas:

Foi um pouco difícil, porque são pessoas parecidas e diferentes ao mesmo tempo. A gente já tinha uma amizade, então tem alguns pontos em comum, mas quando se trata de trabalho surgem, naturalmente, as divergências, sabe? E, eu confesso que tive muita dificuldade com isso, porque tinha a sensação que o grupo poderia ir mais longe. Então eu acho que a dificuldade foi de entender que somos pessoas diferentes e que trabalhamos de formas diferentes: são experiências que levarei pra vida! (A3, 6º. período)

O relato de A4 também menciona as dificuldades apresentadas para conciliar os encontros entre as executoras do projeto. Sendo assim, ela admite que quanto maior o número de integrantes, maior é a dificuldade na condução do trabalho:

Eu acho que juntar a equipe foi a maior dificuldade. [...] Porque cada um age de um jeito diferente e, portanto, pensa de um jeito diferente... aí na hora de juntar tudo/todos, não foi fácil. E em relação à disponibilidade, eu acho que quando aumenta o número de pessoas, fica mais complicado... de caminhar... botar o processo em andamento. (A4, 6º. período)

De acordo com Fava-de-Moraes e Fava (2010), mediante a experiência obtida na Iniciação Científica, o aluno desenvolve sua capacidade de análise crítica. Algo benéfico ao seu processo de maturação intelectual e, seguramente, útil para o discernimento futuro de dificuldades que enfrentará ao longo de sua formação e no mercado de trabalho.

Categoria 3 – Perspectivas

Neste momento serão apresentadas as perspectivas das acadêmicas de Psicologia sobre o futuro do projeto AG, visto que as atividades aqui apresentadas destacam os resultados de seis meses, dos doze previstos no cronograma do Projeto Voluntário de Iniciação Científica.

A3 propõe que a abordagem futura seja voltada à saúde, evidenciando a importância que os fatores genéticos assumem na determinação de quadros patológicos:

Eu acho que seria interessante aprofundar a questão da família, porque isso permite a discussão de outros temas [...] eu penso que seria bom fazer as pessoas se aprofundarem nas doenças que possuem e, principalmente, aquelas que existiram na família deles. Eu percebi que, geralmente, não se dá muita atenção a isso. Então talvez fosse interessante abordar essas questões de doenças genéticas, as quais a própria família, muitas vezes, não percebe que está propensa a ter. Isso seria um tema bem interessante para se aprofundar. (A3, 6º. período)

A1 também sugere o aprofundamento da prevenção em saúde junto aos familiares dos idosos do PVA:

Acho que daria para tentar entrar em contato com os parentes desses idosos. E a partir do levantamento realizado pesquisar a visão deles sobre o mesmo assunto. Talvez isso seja complicado, mas nós poderíamos tentar. Porque como já temos a percepção dos idosos, seria interessante ter a dos familiares, ou seja, de outras gerações: um filho ou neto, por exemplo. (A1, 6º período)

Outro eixo sugerido para o andamento do projeto AG seria aprofundar as histórias de vida:

Eu acho que a gente poderia... é... eu percebi, durante o tempo que passei com eles, que necessitam de um bom tempo para falar... Isso foi tanto que a gente tinha que controlar o tempo, durante as entrevistas (risos). É mais importante para eles estarem aqui falando sobre suas vidas, do que estar respondendo ao próprio questionário. Então, eu acredito que poderíamos realizar outras ações com um tempo maior para a escuta. (A4, 6º período)

A partir dos pontos de vista apresentados pelas executoras da ação AG, a equipe finalizou a primeira etapa do projeto PIVIC “Programa Intergeneracional: Um estudo sobre os impactos das atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade-UNATI/UNIVASF junto à comunidade de Petrolina-PE e Juazeiro-BA”. Sendo assim, novas ações serão planejadas, organizadas, executadas e avaliadas com sujeitos de diferentes faixas etárias, residentes nessas duas cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo intergeracional incide em nova fonte de conhecimentos, algo ainda pouco explorado no âmbito das relações humanas. Na sociedade contemporânea, o convívio entre diferentes faixas etárias vem se restringindo, e isso sobrevém, entre outros, de transformações na estrutura familiar e na disposição dos locais de lazer. Assim, observa-se que a família moderna sofreu alterações no seu arranjo. Esta que, outrora, foi campo propício ao exercício fenomenológico intergeracional, sofre – hoje – com o distanciamento entre as proles. Paralelo a isso, o estímulo à integração de indivíduos de idades díspares tem sido reduzido, pois apesar de existirem muitas ofertas de lazer, prevalecem os espaços específicos para o atendimento de uma só faixa etária, em geral de jovens.

Os efeitos da quebra do vínculo intergeracional podem ser graves, visto que o distanciamento traz consigo o rompimento da afinidade e da afetividade, resultando em desconhecimento familiar. Neste estudo, pressupostos dessa ordem foram observados, evidenciados por meio da desinformação biográfica referida pelos próprios participantes da ação AG. Sendo assim, os depoimentos indicaram o valor do aprendizado do jovem junto aos mais experientes, algo que vem sendo negligenciado, pois, em geral, prioriza-se o que é novo, moderno, rápido, ágil e tecnológico. Nessa perspectiva, a pessoa idosa, bem como sua vivência, é vista como algo ultrapassado.

Os resultados destacaram ainda a importância da criação e manutenção de medidas que promovam a reflexão dos indivíduos acerca de aspectos de sua descendência e procedência. Igualmente, o incentivo ao contato intergeracional, o que foi alcançado pela ação “Árvore Genealógica”, visto que ela oportunizou ao grupo, de forma lúdica, simples e prazerosa o resgate de memórias geracionais. Outro resultado incidiu na avaliação sobre o modo como os idosos estão repassando informações aos seus descendentes; algo determinante à manutenção de seus laços de família e historicidade.

Em relação ao aproveitamento das quatro alunas de Iniciação Científica (Edital PIBIC/PIVIC-UNIVASF 2015), a ação AG repercutiu substancialmente no seu crescimento pessoal e acadêmico. Por intermédio do contato diário com os idosos, assim como durante a construção dos instrumentos para a coleta dos dados e consequente análise, as executoras do projeto AG tiveram acesso a momentos de reflexão sobre suas próprias atitudes intergeracionais. Como possível limitação deste estudo, considera-se a pouca experiência das alunas com procedimentos de pesquisa, no início da ação; algo, todavia, suplantado no decorrer do processo. Assim, entende-se que após seis meses de atividades, resultados significativos foram obtidos no âmbito de suas competências sociais, seguido pelo desenvolvimento de habilidades na área da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BORGES, C. C.; MAGALHÃES, A. S. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 171-177, 2011.

BRAGA CUBA, C. M. G.; CARVALHO, A. S.; EVANGELISTA, K. B.; CAMARA, A. M. A assessoria em uma vivência de amizade intergeracional com Idosos da UNATI/ UERJ. In: **VII JORNADA DE POLÍTICAS PÚBLICAS**. 2015. Maranhão. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/a-assessoria-em-uma-vivencia-de-amizade-intergeracional-com-idosos-da-unati-uerj.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2015.

CARVALHO, M. C. B. N. M. **O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto “Era uma vez... atividades intergeracionais”**. 2007. 123 f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Brasil.

CORREA, M. R.; JUSTO, J. S. Oficinas de psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 249-256, dez. 2010.

FAVA-DE-MORAES, F.; FAVA, M. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. **São Paulo Em Perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 73-77, 2000.

JENNING, M. K.; NIEMI, R. G. The transmission of political values from parent to child. **The American Political Science Review**, v. 62, p. 169-184, 1968.

LABONTE, R. Health promotion and empowerment: reflections on professional practice. **Health Educ Q.**, v. 21, n. 2, p. 253-268, Summer 1994.

LINS DE BARROS, M. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

MOREIRA, M. I. C.; BEDRAN, P. M.; CARELLOS, S. D. M. S. A experiência da extensão universitária como elemento formador de psicólogos no campo das medidas sócio-protetivas voltadas para crianças e adolescentes. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 15, 2010. Maceió. **Anais eletrônicos...** Mesa-redonda. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/263.%20a%20experi%C3%Aancia%20da%20extens%C3%A3o%20universit%C3%A1ria%20como%20elemento%20formador.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016.

PAIS, J. M. Introdução. In: PAIS, J. M. (Org.), **Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea.** Lisboa: Instituto de Ciências Sociais; Secretaria de Estado da Juventude, 1998. p. 17-58.

PIRES, L.S.; LIMA, S. A. S. C. O pedagogo e a pedagogia do envelhecer. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 17, n. 3/4, p. 403-419, mar./abr. 2007.

PIVETTA, H. M. F.; BACKES, D. S.; CARPES, A.; BATTISTEL, A. L. H. T. MARCHIORI, M. Ensino, pesquisa e extensão universitária: em busca de uma integração efetiva. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 377-390, jul./dez. 2010.

RIBEIRO, J. M. L. Uso da palmada como ferramenta pedagógica no contexto familiar: mania de bater ou desconhecimento de outra estratégia de educação? **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 7, n. 1, p. 52-58, janeiro/junho 2012.

SOARES-LUCHIARI, D. H. Os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 81-92, 1996.

VERAS, R. P.; RAMOS, L. R.; KALACHE, A. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. **Rev. Saúde Públ.**, São Paulo, v. 21, p. 225-233, 1987.

VILLAS-BOAS, S.; OLIVEIRA, A. L.; RAMOS, N.; MONTERO, I. Conhecimento da comunidade local para a elaboração e implementação de programas intergeracionais. **R. Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 32, n.1, p. 189-197, jan./abr. 2015.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

NUNES, Cássia Poliana Príncipe; SANTOS, Luanna Cavalcanti de Oliveira; BARROS, Júlia Nogueira de; SOUZA, Camila Diniz de Carvalho; NASCIMENTO, Marcelo de Maio. *Árvore genealógica: refletindo procedência e descendência do cidadão idoso*. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 4, n. 1, p. 99-115, 2016. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 01 mar. 2016

Aceito em: 18 set. 2016.